

Fipps der Affe de Wilhelm Busch: Da Arquetipicidade À Sociologia

Greice Bauer¹

Die Sache ist aber sehr einfach. Man muss nur noch
mehr darüber nachdenken.

Wilhelm Busch in Eduards Traum, 1891

Titel: Fipps der Affe von Wilhelm Busch: von Archetypus zur Soziologie

Title: Fipps Der Affe by Wilhelm Busch: from Archetyping to Sociology

Palavras-chave: Wilhelm Busch; Fipps der Affe; politexto

Schlüsselwörter: Wilhelm Busch; Fipps der Affe; Politext

Key-words: Wilhelm Busch; Fipps der Affe; Politext

Introdução

Nos estudos sobre o cenário literário alemão do século XIX, Wilhelm Busch é apontado como um autor de grande destaque, considerado um dos precursores do gênero Histórias em Quadrinhos. O escritor e poeta elaborava seus próprios versos e, como ilustrador e pintor, iluminou suas próprias obras, revelando-se também um excelente caricaturista. Dedicou-se ao estudo da arte do desenho e da escrita e realizou cursos específicos em diferentes cidades, como Düsseldorf em 1851, Antuérpia em 1853 e Munique em 1854. Trabalhou nos semanários *Fliegende Blätter* e *Münchener Bilderbogen*, atuando inicialmente como ilustrador de trabalhos de outros autores e, posteriormente, assinando seus próprios trabalhos. Tornou-se mundialmente conhecido através de sua obra *Max und Moritz: eine Bubengeschichte in sieben Streichen*, publicada em 1865 e traduzida para mais de 200 idiomas. Dedicou-se à leitura de

¹ Pós-graduanda em nível de doutorado em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina; E-mail: bauergreice@gmail.com

autores como Schopenhauer, Kant, Darwin, Herbert Spencer e Alfred Brehm, que influenciaram sobremaneira na definição de seu estilo, em especial nos traços do conto *Fipps der Affe*, focalizado neste artigo.

Fipps der Affe foi publicado em 1879 pela editora Bassermann de Munique. O conto retrata a vida do macaco Fipps, que inicialmente vivia na África, até ser capturado e conduzido à força por um colonizador europeu para a cidade de Bremen, na Alemanha, local em que se desenvolve o enredo. De acordo com Schury (2007), o pintor e amigo próximo de Wilhelm Busch, Franz Lenbach, possuía um macaco de estimação em sua residência. Durante suas visitas ao amigo, Wilhelm Busch dedicava longas horas à observação do animal. Segundo Nöldecke (1960), o autor também visitava com frequência a ala dos símios no zoológico de Hannover, com o objetivo de mapear a anatomia dos animais, com vistas a esboçar sua personagem Fipps.

Em *Fipps der Affe*, Wilhelm Busch parece aludir a cenas do colonialismo alemão. Seu recurso ao humor e *Schadenfreude* lhe permite evocar questões da *Grande Cadeia dos Seres*, além de especificidades sociológicas de seu tempo, como os comportamentos dos novos burgueses, classe que se multiplicava naquele período.

1º Embasamento teórico e metodológico

À ótica de Moore & Castellotti (2001), textos como *Fipps der Affe* podem ser investigados como material de natureza politextual, isto é, constituídos por mais de uma modalidade semiótica. No caso em questão, há parcelas de textos linguísticos e iconotextos em simbiose. Quaisquer estratificações remetem à fins científicos e teórico-metodológicos, pois narrativamente os desenhos constituem o espaço diegético e referencial, fornecendo traços semânticos para a definição de denotações, conotações e associações, sendo cruciais para a instauração de significações e sentidos.

Metodológica e teoricamente, por um lado, há o texto linguístico codificado, tomado aqui à perspectiva Sausurreana (1916/2011), complementada por pesquisadores que tratam do fenômeno na Dupla Articulação, como Martinet (1978). Por outro lado, há os desenhos, referidos no âmbito deste artigo, à luz de Yuste Frías (2010), como *iconotextos*, circunscrevendo grifos, pintura, ícones e demais sucedâneos. O politexto, será, todavia, considerado neste artigo em seu conjunto, como entidade monolítica e

indissociável, tendo em vista que quaisquer operações interpretativas ou tradutológicas estarão sempre permeadas pragmaticamente, ou seja, torna-se imprescindível considerar não somente as influências dos contextos diegéticos e linguísticos - *large sens* - mas também transdiegéticos e translinguísticos. De modo breve, dialógicos à luz de Bakhtin (2003), ou intertextuais à ótica de Kristeva (1974) e Barthes (2010), ou seja, relações em cadeia que circunscrevem, ao mesmo tempo, e a Antropologia, e a Sociologia.

No que concerne ao humor e ao *Schadenfreude*, clássicos como *Comicidade e Riso* (1992) de Vladimir Propp e *O riso* (2001) de Henri Bergson ecoam no trabalho de Wilhelm Busch. *Schadenfreude*, de fato, não possui equivalente em português. O termo denota “o prazer que se experimenta com a desgraça alheia”, e só seria passível de ser aludido em português através de perífrases com conteúdos semânticos similares, como *pimenta nos olhos do outro é fresco* (ditado popular, autor desconhecido). De acordo com Propp (1992) o cômico inexoravelmente remete à ideia de humanidade. Para ele, não há humor entre animais irracionais. Segundo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) o cômico se baseia no deleite de rir do repulsivo ou do que apresenta deformidades, isto é, de toda entidade que escape às canonicidades. O humor e o riso tornaram-se recursos adequados para questionamentos sociais e políticos em expressões artísticas, como caricaturas, textos ilustrados, textos literários, e demais sucedâneos. Segundo Propp (1992, pg. 32), cada época e cada cultura engendra seu tipo de humor. As flutuações sociológicas e históricas podem, naturalmente, fazer fenecer os agentes ativadores de humor, tornando-o incompreensível e/ou até inacessível. Tanto Bergson quanto Propp afirmam que a comicidade emerge do estabelecimento de similitudes. De acordo com Bergson (2001), rir de um animal por suas semelhanças, fisiológicas ou comportamentais, que aludam aos humanos, por exemplo, decorre de comparações e atestação de inadequações que, por sua vez, ativam o cômico e engendram o riso.

Em relação à arquetipicidade registrada em *Fipps der Affe*, há bases suficientes em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000) de Carl Jung e *O herói de mil faces* (2007) de Joseph Campbell, para que se possa identificar diferentes alusões à traços comportamentais comuns à fauna, de modo geral, e aos seres fictícios específicos que se apropriam das capacidades de pensar e falar, como Fipps. No conto *Fipps der Affe* há igualmente arquétipos roteirísticos, concernentes à composição das tramas do conto, como a figura do herói, retomada mais abaixo.

Considerando o *ego*, *nunc* e *hic* do autor Wilhelm Busch e da obra *Fipps der Affe*, seguem, abaixo, alguns politextos selecionados, que evidenciam as questões sugeridas acima, referentes ao colonialismo alemão, ao arquétipo do herói e ao humor e *Schadenfreude*.

2º Reflexões

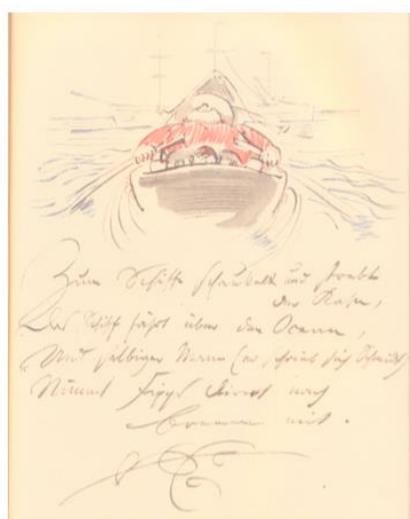
Wilhelm Busch expõe em sua obra *Fipps der Affe* assuntos em voga do século XIX, como a ascensão da burguesia; o colonialismo alemão; o tráfico de animais exóticos. O autor alude às teorias relacionadas às definições de raça, de espécie e de hierarquia natural, questionadas diegética e humoristicamente. Nos politextos, além dos temas anteriormente citados, observa-se o recurso a efeitos de humor e alusões à negação de traços arquetípicos, como instauração do anti-herói. O autor parece utilizar-se de tais recursos como forma de criticar a sociedade burguesa do século XIX, suavizando a gravidade de suas asserções através de efeitos de comicidade, justamente uma das mais eficientes formas para se expor verdades, reduzindo a força das proposições.

De modo geral, Wilhelm Busch recorre ao humor negro e ácido, com toques de ironia e sarcasmo, sobretudo em *Fipps der Affe*. O autor evidencia o sentimento de *Schadenfreude*, ou seja, elucida o prazer perante o dano ou o infortúnio de terceiros. No conto a temática do *Schadenfreude* aparece em quase todos os capítulos, marcando a narrativa. Pode-se acompanhar, nas cenas apresentadas no capítulo 7, a babá Jette engendrando uma traquinagem para Fipps. Ela vê um marimbondo na janela e o prende dentro de um pacote, Jette oferece o invólucro a Fipps. O símio, por sua vez, muito curioso coloca sua pata dentro do embrulho e recebe uma ferroadada do inseto, visando o riso. Talvez, no século XIX o leitor se divertisse com o infortúnio do protagonista Fipps, assim como aparentemente as pessoas se entretinham diante dos *Freak Shows*, comuns naquele período. Embora não se trate de estudo comparativo, cabe destacar que na atualidade, diante das políticas de correção, a mesma cena poderia ser percebida, idiossincraticamente, com repulsa, indignação.

Nos primeiros capítulos da obra *Fipps der Affe*, mais precisamente no capítulo 2, identificam-se representações que parecem fazer alusão ao colonialismo alemão. Fipps

está tranquilo, à beira mar, em sua terra natal, a observar uma pequena chalupa que se aproxima. Quem chega na embarcação é justamente o colonizador Schmidt, que com suas artimanhas consegue capturar Fipps e levá-lo à Alemanha, mais precisamente para o porto de Bremen (cf. Figura 1). Ao chegar à cidade, Fipps é vendido para o barbeiro, mestre Krüll. A partir de então Fipps inicia sua saga de aventuras.

No período que a obra foi elaborada e publicada, em 1879, a Alemanha iniciava uma controversa ampliação territorial ultramarina, estabelecendo colônias em outros continentes, principalmente no sudoeste africano. Mesmo possuindo tendências migratórias e grande tradição no comércio exterior marítimo, o Império Alemão havia entrado demasiadamente tarde na corrida colonialista em razão de suas preocupações políticas internas. Vale destacar também que entre os séculos XVIII e XIX, antes do projeto de colonização alemão, o país enviava pesquisadores, naturalistas e demais cientistas para outros países e continentes através de navios com bandeiras de outras nacionalidades, como observa-se nos relatos expostos no livro organizado por Martin Afonso Palma Haro sob o título: *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX* (1990). Em uma das narrativas datada de 1807, o naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorf, embarcado numa expedição russa, sob o comando de Adam von Krusenstern, realizou pesquisas relacionadas a flora e fauna da região. Há outros relatos nesse livro, como do suíço-alemão Carl Friedrich Gustav Seidler de 1826 que descreve sua experiência em terras brasileiras.



Zum Schiffe schaukelt und strebt der Kahn,
Das Schiff fährt über den Ocean,
Und selbiger Mann (er schrieb sich Schmidt)
Nimmt Fipps direkt nach Bremen mit.

O bote segue rumo a nau,
A nau atravessa o oceano,
E o mesmo homem (Schmidt, ele se chama)
Leva consigo Fipps direto para Bremen.

Figura 1 - Politexto o colonizador

No capítulo 11 do conto, o protagonista Fipps é retratado como um herói. Segundo Jung (2000), a figura do herói constitui um arquétipo que subjaz às culturas, por estar ligado às bases psicanalíticas dos seres humanos. De acordo com Campbell (2007), o herói simboliza a divina imagem redentora e criadora, que se encontra em estado latente em algumas pessoas, mas prestes a se manifestar quando necessário, transformando a vida. Fipps, por sua vez, ao longo da narrativa, se configura mais propriamente como um anti-herói, como uma espécie de Macunaíma alemão. Se, por um lado, o símio já havia se aculturado parcialmente e se habituado à convivência com os membros da família Fink, inclusive auxiliando a babá nos cuidados com a pequena Elise; por outro lado, em certo momento ocorre um incêndio na residência dos Fink. Enquanto as outras personagens preocupavam-se consigo, Fipps se arrisca, enfrenta as chamas, e resgata a pequena Elise do fogo. Além disso Fipps ainda se preocupa em envolver a bebê em um manto e trazer-lhe a mamadeira, entregando a criança em segurança aos seus pais (cf. Figura 2). A personagem expressa atitudes de superação, converte ameaças em situação de segurança e revela seu altruísmo diante de amigos e da família. Tais características podem ser verificadas na cena politextual abaixo reproduzida.

De acordo com Jung (2000), o ato principal do herói consiste em vencer o monstro que representa o mal. No exemplo acima, embora Fipps coloque sua vida em risco para salvar a bebê, tal fato não o livrará dos infortúnios decorrentes da profundidade de sua natureza estrangeira e das fontes bestiais que regem sua constituição psicanalítica profunda que, aliás, subitamente emergirá em diferentes situações, gerando inadequações e incongruências decorrentes tanto de choques culturais quanto de ordem seminal constitutiva. Ora, afinal de contas, Fipps é um macaco em primeiro grau.



Höchst besorgt, wie eine Amme,
Rutscht er abwärts an dem Stamme.
Sanft legt er Elisen nieder.
Sie hat ihre Eltern wieder;
Und die Flasche Steht dabei,
Falls Elise durstig sei. –

Realmente preocupado, como uma ama de leite,
Ele escorrega tronco abaixo.
Ele deita suave Elise.
Ela tem novamente seus pais;
E a mamadeira está junto,
Caso Elise esteja com sede. –

Figura 2 - Politexto com arquétipo do herói

Joseph Campbell em sua obra *O herói de mil faces* (2007) expõe as várias fases que o herói experimenta em sua jornada. Naturalmente nem todas as etapas se reproduzem na composição de roteiros, como é o caso em *Fipps der Affe*. De fato, Fipps percorre alguns patamares da jornada do herói, como por exemplo: (a) o protagonista entra em cena e é colocado horizontalmente diante de outras personagens, apesar de sua natureza híbrida; (b) chamado à aventura, sua rotina é quebrada diante de um incêndio; (c) a criatura - compósito diegético - conquista a recompensa, salvando sua adorada Elise; (d) todos retornam à normalidade. O heroísmo do macaco, fez com que ele passasse a ser tratado como um membro da família. Todavia, a comicidade perversa, que permeia as diferentes situações nas quais o macaco se envolve, demonstra claramente sua oscilação entre animalidade e humanidade, entre seu lado zoomórfico e sua parcela antropomórfica, condição das criaturas híbridas transpostas dos imaginários para as narrativas ficcionais, como as HQs. O autor parece denunciar, através de Fipps, os riscos em se promover encontros bruscos entre diferentes realidades. Por fim, o cômico repentinamente se transforma em tragédia, conduzindo à aniquilação do ser estrangeiro, cujo lado animal prepondera. A socialização de Fipps fracassa de forma tragicômica.

Considerações

O século XIX foi um período de grandes turbulências, não somente na Alemanha, mas também em toda Europa. A obra *Fipps der Affe* remete a realidades em voga no século XIX. Logo, as representações artísticas não poderiam deixar de explicitar rupturas e transformações de ordem social, científica e religiosa, fazendo referência aos movimentos ideológicos e políticos internos. Como artista, Wilhelm Busch parece evocar temas graves à aura literária, destacando seu lado filosófico, apuradamente crítico em relação aos questionamentos sobre os dogmas das religiões e das igrejas; a respeito do transporte ilegal de animais silvestres e de autóctones conduzidos à força aos portos europeus. Finalmente, denuncia também a súbita ascensão das novas classes burguesas, com seus preconceitos sociais e raciais.

Considerando-se o *nunc* e *hic* de Wilhelm Busch e de sua obra *Fipps der Affe* verifica-se que o contexto histórico-social do período foi representado com muito esmero, inclusive do ponto de vista anatômico. O autor e ilustrador registrou, em desenhos e linguisticamente, tópicos considerados polêmicos, conservando espírito expressivo sagaz com pitadas de *Schadenfreude*, sempre acompanhado de humor ácido e sarcástico.

Segundo Giarola (2010), as teorias desenvolvidas sobre a noção de raça e hierarquias naturais serviram como legitimadoras do imperialismo, fazendo com que o homem branco europeu fosse colocado no topo da evolução das espécies e das raças, se auto definindo como símbolo máximo do progresso e da civilização. Ainda, conforme Giarola, as barbáries da colonização europeia nos continentes africano e asiático acentuam este pensamento, pois os europeus impuseram dominação e domesticação, ao passo que o Outro, o elemento estrangeiro, constituiria “raça inferior”, aproximando-se do universo julgado primitivo. A obra *Fipps der Affe* expõe posicionamentos arguidores de tais fatos e igualmente de cenas nevrálgicas da história política da sociedade alemã do século XIX.

Wilhelm Busch manifesta através da caricatura de Fipps uma crítica ao novo burguês, por vezes ridículo e vaidoso, que se multiplicava na sociedade do século XIX, como também evidencia as oscilações arquetípicas do herói ao anti-herói. As inadequações registradas, concedem auras fantásticas ao enredo, como se estivéssemos

diante de *Kalila e Dimna*, ou das fábulas de La Fontaine. Em *Fipps der Affe*, diferentemente não há lições de moral. Trata-se mais propriamente de explicitar vícios e mesquinhas da sociedade e sobretudo expor os *nouveaux riches*. Observa-se que Fipps, logo após se tornar um herói, restitui parte de suas origens, voltando a ser visto como um ser inferior, cujos traços de animalidade se destacam. O conto alude à arbitrariedade que envolve as taxonomizações e as hierarquizações. Tais análises concernem ao politexto, isto é, monólito formado pelo código escrito e desenho em conjunção. Muito embora o lado singelo e primitivo do animal o faça contemplar o novo mundo com encanto, a integração súbita do estrangeiro exótico se revela impossível e catastrófica.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010
- BERGSON, H. *O riso*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BUSCH, W. *Fipps der Affe*. München: Bassermann Verlag, 1879.
- BUSCH, W. *Fipps der Affe Faksimiledruck*. Hamburg, Rütten & Loening Verlag, 1960.
- BUSCH, W. *Hans Hückebein der Unglücksrabe, Fipps der Affe, Plisch und Plum*. Herausgegeben von Friedrich Bohne. Zürich: Diogenes Verlag AG, 1974.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CASTELLOTTI, V.; MOORE, D. Comment le plurilinguisme vient aux enfants. In: CASTELLOTTI, V. (ÉD.) *D'une langue à d'autres: Pratiques et représentations*. Rouen: Dyalang, 2001.
- GIAROLA, F. R. *Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico*. História e-História, v. SM, p. 1-21, 2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313>> (Acesso em 14 de jun. 2016).
- JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KRISTEVA, J. *La Révolution du langage poétique*. Paris: Seuil, 1974.
- MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. Tradução de José Meireles. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- NÖLDEKE, O.; NÖLDEKE, A.; NÖLDEKE, H. *Neues Wilhelm Busch Album*. Sammlung lustiger Bildergeschichte mit 1500 Bildern. Heiters und Ernstes aus seiner Lebenswerkstatt. Darmstadt: Druckhaus Darmstadt GmbH., 1960.

- PALMA DE HARO, M. A. (ORG.) *Ilha de Santa Catarina*; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990.
- PROPP, V. I. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2011.
- SCHURY, G. *Ich wollt, ich wär ein Eskimo*. Das Leben des Wilhelm Busch. Biographie. Berlin: Aufbau Verlagsgruppe GmbH., 2007.
- YUSTE FRÍAS, J. *Au seuil de la traduction: la paratraduction*. In: NAAJKENS, T. [ED.] PETER LANG, col. Genèses de Textes-Textgenesen (Françoise Lartillot [dir.]), vol. 3. Bern, 2010.